



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16658 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT09 - Trabalho e Educação

ARTE-EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE CRÍTICA COM BASE NA ESTÉTICA MARXISTA

Jefferson Nogueira Lopes - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Derivaldo Santos - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Layslândia de Souza Santos - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

ARTE-EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE CRÍTICA COM BASE NA ESTÉTICA MARXISTA

1 INTRODUÇÃO

O presente texto é um resumo do projeto de pesquisa de doutoramento que segue em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). No projeto de tese em debate pretendemos analisar disciplinas de Arte-Educação dos cursos de Pedagogia da universidade supracitada a fim de identificar as experiências estéticas que ocorrem no decorrer da disciplina. Defendemos que a formação estética é de suma importância para a constituição de futuros docentes, não só para o âmbito profissional, mas sobretudo para sua humanização enquanto gênero humano, cuja base de formação assenta-se na relação dialética entre objetividade e subjetividade mediada pela práxis.

Para analisar nosso objeto de pesquisa tomaremos como base metodológica o materialismo histórico-dialético, pois consideramos esse método o que melhor abarca as reais contradições que permeiam o fenômeno em estudo. A teoria, para Marx, segundo entende Paulo Netto (2011, p. 20), “[...] é o conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do

pesquisador”.

Na tentativa de alcançar a imanência do objeto aqui estudado, o aporte teórico de autores marxistas será fundamental. Entre eles, o filósofo húngaro Georg Lukács nos traz subsídios para entender o complexo artístico e sua reverberação na formação humana, em especial em sua obra *Estética: a peculiaridade do estético*, publicada originalmente em 1963. A partir desse referencial, teremos melhores condições de analisar a proposta pedagógica da Arte-Educação, especificamente nos cursos de Pedagogia da UECE.

Nosso interesse em analisar a Arte-Educação inicia a partir do momento em que aprofundamos os estudos em torno da estética marxista, tendência esta que visa compreender o fenômeno com o aporte do materialismo histórico-dialético ao mesmo tempo em que se pretende opor-se às concepções idealistas, irracionistas e subjetivistas sobre a arte. Esse objetivo é delineado por Lukács (2018), cujo foco é compreender a especificidade do comportamento estético a partir da ontologia materialista. Apesar de ter por base o processo metodológico de Marx e seus precedentes, a estética marxista proposta por Georg Lukács “[..] é uma paradoxal situação: se, por um lado, existe uma herança deixada pelos clássicos do marxismo, por outro, há a necessidade de se conquistar uma proposta estética radicalmente nova” (SANTOS, 2017a, p. 341).

Diante do devastador cenário de crise que assola a humanidade e coloca em risco a existência da espécie humana, compreender o caráter humanizador da obra de arte se torna uma ação fundamental. Vale destacar que, diante da crise estrutural do capital, Mészáros (2011) ressalta que as diversas esferas da vida humana são afetadas, entre elas a produção artística. Com base nisso, entendemos que não se pode desistir de compreender pela raiz a arte, uma vez que ela contribui decisivamente para a humanização qualitativa das capacidades humanas.

2 DESENVOLVIMENTO

Lukács (1966a; 1966b) nos apresenta que a arte é uma ação proveniente da atividade imanente do ser humano. O desenvolvimento do complexo da arte nos seres sociais parte dos sujeitos primitivos e acompanha o salto qualitativo proporcionado pela interação com o mundo objetivo a partir da práxis do trabalho, esta que funda o ser social.

O trabalho é a atividade vital que consiste na transformação da natureza tendo em vista a satisfação material das necessidades do gênero humano. Duarte (2013, p. 22), sobre essa questão, alude o seguinte: “A atividade vital é antes de

tudo aquela que reproduz a vida, é aquela que toda espécie humana (e também o gênero humano) precisa realizar para existir e produzir a si própria como espécie”.

Engels (2020) reflete que, diferentemente da atividade dos animais, o trabalho desempenhado pelo ser social não opera com uma atuação imediata sob a matéria natural, ele exige instrumentos para que ocorra uma mediação entre o indivíduo executor e a matéria. Esses instrumentos são oriundos exclusivamente do trabalho humano como objetivo de mediação com a natureza. Outro elemento que diferencia a prática humana da dos outros animais é que os indivíduos sociais projetam antecipadamente – teleologicamente - o produto de sua ação.

No processo de trabalho, o indivíduo se adequa à natureza, mas também adapta o meio às necessidades humanas. Nesse processo, o agente humano atribui aos objetos naturais significados e funções sociais, culminando na objetivação que pode ser caracterizado como produção e reprodução da cultura da humanidade (DUARTE, 2013).

Quanto mais se desenvolve o ser humano, mais as suas objetivações ultrapassam o espaço ligado diretamente ao trabalho. Ele passa de uma objetividade exclusivamente natural para uma objetividade social. Esse processo é considerado um salto ontológico. Santos (2018) aponta que, conforme o ser social vai se complexificando, outros complexos sociais mais elaborados são necessários para o desenvolvimento do gênero humano. A essência do humano é a totalidade de complexos que conferem dinâmica à esfera social: “No ser social desenvolvido, verificamos a existência de esferas de objetivação que se autonomizaram das exigências imediatas do trabalho – a ciência, a filosofia, a arte, etc.” (PAULO NETTO e BRAZ, 2007, p. 43).

Nesse mesmo segmento, Sousa Junior (2021) alerta que o trabalho é uma das possibilidades humanas de atividade transformadora, mas não a única. O ser social se funda no trabalho, porém não se esgota nele. Nesse sentido, outras práticas transformadoras vão se complexificando na dinâmica social. Além da formação que decorre no processo de trabalho, o ser social se humaniza ou se desumaniza por meios de outras atividades transformadoras; “podemos dizer, em linhas gerais que, enquanto o trabalho ocupa-se originalmente em transformar causalidades dadas, as práxis não produtivas ocupam-se em transformar causalidades postas” (SOUSA JUNIOR, 2021, p. 363).

Entre os complexos sociais decorrentes da práxis humana, nos dedicaremos a partir de agora ao artístico. Santos (2017b, p. 30) menciona que a arte “[...] é resultado da evolução histórica da humanidade, não existindo, destarte, a partir de uma capacidade apriorística e originária dos homens e mulheres”. Nesse sentido, essa evolução registra a autoconsciência humana, comprovando que a arte é a

prova mais autêntica da imanência social.

A arte é o complexo social que tem um papel significativo no processo de formação humana, pois, como anota Lukács (2018), ela cumpre a função social de registro de autoconsciência do desenvolvimento humano. A partir do contato com a obra de arte, o indivíduo conecta sua particularidade com o mundo externo próprio da humanidade. A obra artística permite o soerguimento do ser social a um patamar superior de objetividade, enriquecendo a sua personalidade.

Na interação com a arte, o indivíduo abre a possibilidade de atingir a condição de ser inteiramente humano. Ao contrário de outros complexos, como o científico, “na arte, a aparência é mostrada de outra forma, numa fusão com a essência, num processo que revela ao sujeito a realidade de maneira intensificada” (DUARTE, 2016, p. 77). Este é o caráter desfetichizador da arte.

Através da catarse estética ocorre a passagem da condição de ser humano inteiro para o patamar de ser inteiramente humano. Nessa vivência, o ser social se soergue da vida cotidiana imediata, mesmo que brevemente. Essa força evocativa da arte permite ao indivíduo reviver fatos e dramas do presente e do passado, de forma intensificada, e, ao reconhecer particularmente esses fenômenos na sua própria vida, potencializa a sua autoconsciência. O antes e o depois proporcionado pela experiência catártica pode contribuir significativamente para a mudança de personalidade e visão de mundo do sujeito fruidor: “A obra de arte tem compromisso, em última instância, com a revelação do que se encontra escondido no subsolo do tecido social, com o que é inefável” (SANTOS, 2023, p. 168).

Santos (2020) afirma que, a partir dos pressupostos marxianos e marxistas, entendemos que a formação estética dos sentidos caminha intrinsecamente com o processo de formação humana. É na práxis efetuada com a realidade objetiva, que o ser social se humaniza; ou seja, se torna humanizado ao se apropriar do mundo externo a ele, conferindo sentido social e construindo novas necessidades aos objetos e produtos materiais e imateriais da realidade objetiva e subjetiva.

Apresentado esses elementos, podemos adentrar no debate crítico em torno da Arte-Educação com melhores condições. Essa proposta pedagógica para o ensino de Artes ganhou força no cenário pedagógico brasileiro sobretudo nos anos 1980 e 1990 a partir dos escritos da autora Ana Mae Barbosa. Nesses anos, especificamente na década de 1990, foi efetuado em escala mundial um conjunto de reformas no campo educacional como estratégia de atendimento às necessidades de perpetuação do capital em contexto de crise aguda. Agências representantes do capital, a exemplo do Banco Mundial (BM), do Fundo Monetário Internacional (FMI) atuaram intensamente com o direcionamento de estratégias pedagógicas no campo educacional, inclusive na formação de professores para a

Educação Básica.

Tais agências do capital formularam documentos que norteiam os rumos da educação para adequá-la ao padrão de produção no cenário de crise. Destacam-se nesse quadro o movimento Educação para Todos (EPT) e o movimento pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Desse cenário resulta um conjunto de metodologias, teorias, propostas pedagógicas e reformas curriculares que foram efetuadas no intuito de formar indivíduos para se adaptarem ao novo quadro histórico, sob a premissa de que estaríamos vivendo a sociedade tecnológica ou a dita sociedade do conhecimento.

Com base em Duarte (2001), entendemos que a educação escolar está norteada por concepções pedagógicas que buscam apresentar aos estudantes competências necessárias ao processo de reprodução do capital e extirpar possibilidades de compreensão dos reais problemas que a humanidade vivencia. A esse conjunto de propostas pedagógicas Duarte (2001) nomeia de Pedagogias do Aprender a Aprender. Ao analisar a função social dessas ilusões pedagógicas, Santos (2020) sugere que a designação mais adequada para esse conjunto seria a de “aprender a (des)conhecer”, tendo em vista que se perpetua por meio das suas proposições de negação do efetivo conhecimento da dinâmica da realidade objetiva e em prol da naturalização da visão de mundo capitalista.

No contexto dos anos 1990, são difundidos no Brasil os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Esse documento visa nortear os currículos e as práticas pedagógicas dos professores do ensino básico. Entre as temáticas discutidas pelos PCNs está a arte.

Santos (2020), ao analisar o PCN-Arte, destaca que as proposições de Arte-Educação de Ana Mae Barbosa são o alicerce de sustentação do documento, sobretudo ao que condiz com a abordagem triangular discutida no referido documento. PCN-Arte. Ao mesmo tempo em que faz um estudo crítico desses parâmetros, Santos também se empenha em analisar algumas obras da autora precursora da Arte-Educação no Brasil. O autor reconhece o trabalho desenvolvido por Ana Mae Barbosa e seus seguidores, sobretudo no combate contra a Ditadura Empresarial-Civil-Militar e na luta da escola como um espaço formativo em que a arte deve se fazer presente no processo formativo dos estudantes.

Ao passo em que admite o potencial da Arte-Educação, Santos (2020), com base na estética marxista, expõe algumas limitações nas proposições de Ana Mae Barbosa replicadas no PCN-Arte. Para o pesquisador, os seguintes pontos devem ser analisados criticamente: 1. o caráter epistemológico alinhado com o pensamento pós-moderno; 2. a ausência de categorias básicas para se estudar o fenômeno estético, como, por exemplo, catarse, mimese, cotidiano, reflexo etc; 3. o

apontamento de que a arte deve ser apenas um instrumento pedagógico pragmático (limitando assim seu potencial catártico); 4. a ingenuidade de compreender a formação cidadã sob os pressupostos das agências multilaterais.

De forma oposta, as nossas proposições para o ensino de Artes se embasam nos pressupostos marxianos e lukacsianos em torno do fenômeno estético. É nesse sentido que a pesquisa de doutoramento, apresentada na introdução deste texto, visa analisar experiências estéticas decorrentes da disciplina de Arte-Educação presente na ementa curricular dos cursos de Pedagogia da UECE. Diante dessa realidade, elaboramos os seguintes questionamentos: quais os conteúdos da disciplina Arte-Educação dos cursos de licenciatura em Pedagogia? Quais manifestações artísticas se fazem presentes nas aulas da disciplina Arte-Educação? Qual a compreensão de estética que se faz presente na disciplina Arte-Educação? Quais as orientações teóricas predominantes no ensino de Arte-Educação nos referidos cursos? Qual o entendimento dos professores dessa disciplina em relação à função social da arte? Que estrutura física a universidade dispõe para promover experiências estéticas na sala de aula?

Nossa preocupação se volta para o espaço da formação de professores, pois é na universidade que os discentes (futuros professores) acessam a teorias e práticas para o desencadeamento de sua ação docente. Experiências estéticas no processo de formação dos professores são fundamentais, não só pela demanda da profissão, como também pela necessidade de humanização enquanto ser social. A arte produz saltos qualitativos para os indivíduos, ajuda no entendimento da realidade para além da aparência fetichizada e faz o ser social se conectar com seu mundo próprio, com a generalidade humana.

3 CONCLUSÃO

Pretendemos, com este texto, expor algumas reflexões que permeiam o objeto de estudo anunciado. Dentro do debate, suscitamos, com base na estética marxista, a função social da arte e suas reverberações no processo de formação humana. Nesse segmento, compreendemos a escola e a universidade como espaços em que devem ser perpetuadas algumas práticas que contribuam para o desenvolvimento estético de estudantes e professores.

O desenvolvimento dos sentidos estéticos e o de técnicas artísticas são fundamentais no curso de licenciatura, uma vez que esses discentes serão futuros professores e professoras das redes de ensino. Apropriar-se e transmitir a riqueza estética que a humanidade produziu é ação valiosa na escolar. Abrir possibilidades de que os alunos se humanizem por meio da arte é uma ação não suficiente, mas que abre caminhos para que haja momentos qualitativos na formação humana dos

alunos para além da degradação material e espiritual vigente no modo de produção capitalista, sobretudo em tempos de crise estrutural (MÉSZÁROS, 2011).

Ao mesmo tempo que defendemos o pleno desenvolvimento das capacidades humanas, o que apenas será possível com a implantação do socialismo, entendemos que os educadores não podem abandonar, ainda dentro do capitalismo, uma prática pedagógica que contribua, de alguma maneira, para o processo de emancipação humana. Com efeito, apesar de todas as contradições presentes na totalidade social, consideramos que o complexo artístico potencializa a contribuição efetiva na formação dos seres sociais, uma vez que é importante promover saltos qualitativos para o gênero humano. A escola, por sua natureza, apresenta, mesmo que contraditoriamente, a possibilidade de a arte oportunizar que os aprendentes possam ver e se ver dentro de um mundo que necessita de urgente transformação.

REFERÊNCIAS

BRAZ, M; PAULO NETTO, J. **Economia política**: uma introdução crítica. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

DUARTE, N. As pedagogias do aprender a aprender e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.18, p.35-40, set. 2001.

DUARTE, N. **A individualidade para-si**: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. 3ª edição revisada. Campinas: Autores Associados, 2013.

DUARTE, N. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos** contribuição à teoria histórico-crítica do currículo. 1ª ed. Campinas: Autores Associados, 2016.

ENGELS, F. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. *In*: **História, natureza, trabalho e educação**. CALDART, M. R.; FRIGOTTO, G. Ciavatta M.; (Orgs.). 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

LUKÁCS, G. **Estética**: la peculiaridad de lo estético, v. 1. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966a.

LUKÁCS, G. **Estética**: la peculiaridad de lo estético. Problemas de la mimesis, v. 2. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966b.

LUKÁCS, G. **Introdução a uma estética marxista**: sobre a particularidade como categoria da estética. 1ª ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

PAULO NETTO, J. **Introdução ao método de Marx**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SANTOS, D. Trabalho, cotidiano e arte: uma síntese embasada na *Estética* de Georg Lukács. **Revista Estudos Avançados**, 31 (89), 2017a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/wLTkHDHmZXt8vfDjdR9MPVx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 jun. 2024.

SANTOS, D. **A particularidade na *Estética* de Lukács**. 1ª ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2017b.

SANTOS, D. **Arte-Educação, estética e formação humana**. 1ª ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2020.

SANTOS, D. **Estética em Lukács**: a criação de um mundo para chamar de seu. 1ª ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

SANTOS, D. **Princípios básicos da Grande Estética de Lukács**. Coletivo Veredas: Maceió, 2023.

SOUSA JUNIOR. J. **Práxis, ontologia e formação humana**. 1ª ed. São Paulo: Lisbon International Press, 2021.